

## ASAS AO REDOR DE MIM!

*Irley Machado*<sup>1</sup>

*Para ser representado. A atriz deve contracenar com a voz de um interlocutor ausente, em algumas falas ou apenas na apresentação. Começa como se a voz fosse contar um conto só depois o personagem começa a aparecer. É uma mulher, jovem, mais ou menos 30 anos. É dócil, resignada e profundamente triste. Fala da miséria, que viveu e que conhece bem, sem ódio, com uma calma de quem sabe que não pode nada.*

Interlocutor : Estava enrolada num cobertor, sentada à saída do metrô. Chamava Maria. Mas podia ser outro seu nome. *(A voz do interlocutor pode estar em off e a pronúncia das palavras confusa, enrolada. Talvez seja interessante que não se possa entender o texto todo, apenas algumas palavras do que ele diz).*

Personagem: Julieta, Genoveva, Sônia. Julieta era bonito, não sei por quê. É, pode ser Julieta.

Interlocutor: Morava ali mesmo, às vezes tinha que mudar, quando a polícia chegava.

Personagem: *(Como se respondesse)* Coisas? Ah! Uma saboneteira, sem sabonete, claro. Uma flor de plástico. Ah! Esta foi engraçada até! *(Conta a história como se fosse uma menininha)* Eu pensei que era uma flor de verdade. Ela tava lá no meio do jardim, caída no chão e eu cheguei com todo jeito pensando que era de verdade, aí eu vi que ela não era de verdade, mas fiquei com pena da flor, mesmo assim e guardei ela.

Bom, não eu não estou escondendo nada não. Esta bem, não precisa se zangar eu conto então, é que ... tem ainda esta bonequinha que eu tirei de uma lata de lixo. Coitadinha, tava lá, tão abandonada, sujinha, acho que tinha frio. Eu rasguei um pedaço do cobertor pra enrolar ela, está vendo, até parece que ela sorri. Falta um pezinho nela, mas eu não conto pra ela não *(falando em voz baixa e suave)*. Ela pode se sentir rejeitada. Acho que foi por isso que a jogaram fora.

---

<sup>1</sup> Diretora Teatral, dramaturga, Professora do Curso de Artes Cênicas na Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Artes Cênicas pela ECA/USP (1995) e Doutora em Teatro pela Sorbonne – Paris III (2003). E-mail: irley@demac.ufu.br

É sempre assim, não é? Tudo tem que ser perfeito, senão eles jogam fora. Eles? Eles, os que fazem a sociedade, esse caos perfeito nos mínimos detalhes. (*Canta e nina a boneca*) Se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava eu mandava...

(*Como se respondesse*) Comer? Não sei, como às vezes. É, tem a história de um lugar onde dão sopa. É bom. Mas não é sempre. (*Canta*) *Bicho papão sai do telhado...*

Menstruação? (*como se respondesse, mas fala sussurrando*) Não a boneca é menina. Ela não sabe o que é isso. É muito cedo para contar. Deixa ela ser menina. O tempo passa tão depressa, quando eu consertar o pezinho, aí eu conto, ela pode precisar saber. (*Pausa — come se respondesse*) Acho que vim do norte, mas também pode ter sido do sul. Não lembro mais. Faz tanto tempo... Infância? É doença grave em nosso país. Pobre tem isso? Tinha três anos quando ía com minha mãe descascar mandioca. Depois ela morreu, de parto. Trancou, não saiu, não sei, não pergunta, tá? Me deixa aqui.

(*Longa pausa em que brinca com a boneca*) Eu não sei o que boneca come. Ela também não faz cocô, nem xixi. Pode ser que boneca tenha alma de anjo. Não precisa comer, vive de luz. Deve ser isso. Eu acho que é isso. Eu queria ser anjo. Não precisava nem de roupa, não sentia frio, nem fome e não menstruava também. Não sentia dor, quando alguém morria. Ah! deve ser bom, ser anjo! Gabriel, Rafael, Ariel, nome bonito de anjo. Ariel eu gosto mais (*pausa, como se pensasse para responder*). Gosto. Gosto de cores alegres, laranja, azul, verde, violeta? Violeta acho triste. Branco? Branco é bonito demais. Uma vez eu tive uma camisetinha branca. Eu lavava ela com cândida, pra ela ficar mais branca, mas aí, aconteceu a desgraça. Ela ficou transparente, mostrava os peito, foi quando o marido da patroa ... mas ela não acreditou, disse que eu tava mentindo. Me mandou embora, ainda fez ele me dar uma surra, por causa da mentira. E eu fui, toda doída, minha camisetinha rasgada. Suja de sangue e de vergonha. Nunca mais eu tive uma camiseta branca. Mas é tanta história. Pra que lembrar? Cansa, dói, dói, dói, dói, dói (*o personagem vai alucinando descontrolado, até que soa uma sirene e ele para de repente*) Tá bom, tá bom, eu fico calma, eu tento, não precisa, não bate, não grita, eu fico boazinha, eu prometo...

(*Pausa longa — respondendo*) Minha mãe era boa. Meu pai também. Mas a miséria rouba a bondade da gente. A gente vai ficando ruim. Pensa em comer, tem fome, rouba. Fica com raiva dos que tem comida e casa. E depois quer mais. Quer vestir. Também quer sonhar. Ai, aparece a besteira, e a gente fica leve, leve. Quando tem fome, quando sente dor, fuma, cheira, bebe e a fome e a dor vão embora. E a gente sonha.

(*Pausa — respondendo*) Eu? com as cores. Com o campo verde, com frutas coloridas, perfumadas, com o céu azul, limpo, lindo. Com um rio de água limpinha e, eu dentro dela, até os cabelos. Limpa, flutuando, sem dor, nem fome (*nova e longa pausa*).

Eu às vezes imagino ela. Não como nos quadrinhos do catecismo da minha

infância, era assustadora, com a foice, uma caveira, uma capa preta e o diabo perto. Coisa feia! Eu acho que ela pode ser bonita, boa... quente, quem sabe? *(Pausa)* Queria, eu sonho com isso, não tenho medo não, eu chego até a senti-la. Ela vem devagar. Vai começar a entrar em mim pelos pés. Vai esquentando meu corpo, até chegar no coração. Quando chegar no coração, eu vou ouvir a voz de minha mãe cantando pra eu dormir. Eu não quero que ela passe pelo estômago, não, porque se minha mãe tiver lá, eu vou ouvir ela chorar. Ela chorava quando a gente não tinha comida. Quando ela chegar na cabeça, aí eu vou. Dizem que é só quando ela chega na cabeça que a gente vai. Será que eu posso levar a boneca junto? Eu não tenho este direito? A gente tem tão pouco direito na vida, não é? Mas é que... Eu não quero deixar ela aqui, você sabe, *(sussurrando)* ela não tem pezinho. *(Pausa)* Ah! deve ser bom morrer! *(Ela dança)*

*(Pausa — respondendo)* Estudei sim. Gostava de ler poesia. Lia tudo que era versinho, poema, soneto, tudo que eu encontrava lia. Eu lembro de um até hoje, mas não tudo. Terminava mais ou menos assim: Deixa-me fluir correr passar — a tristeza dos rios é não poderem parar ... Bonito, não? Eu queria ser um rio, mas eu me sinto uma pedra.

Eu lia escondido, verdade, pobre não deve ler, só trabalhar. Ler faz a gente pensar e pensar não é bom pra pobre, era o que dizia o meu avô. Mas bem que ele tinha uns livros escondidos e, eu também sei que ele lia a bíblia. Era um homenzinho pequeno, magro que nem uma haste, seus olhos tinham perdido o brilho, o engraçado é que ele acreditava em Deus. Sempre dizia: Deus cuida, Deus protege, Deus ajuda.

*(Pausa — respondendo)* Se eu acredito? Não sei, não sei mais... meu Deus!

*(Pausa — respondendo)* Vendi camarão na praia, água de côco, sacola. Mas, não sei, faz tanto tempo. Idade, não sei. Tá escuro, não é? Não? É cedo? Tô achando tudo tão escuro.

Faz tanto tempo que eu não tomo banho. *(Respondendo)* Não, de água mesmo, de chuveiro. Queria sim. Quando eu ía la comer a sopa, tinha uma senhora tão boazinha, às vezes ela me deixava tomar banho, cortava minhas unhas. Uma vez ela me deu até absorventes, coisa maravilhosa estes absorventes. Acho que minha mãe não conheceu isto. Você acha que eu falo direito? É, é bom.

Não queria viver de novo, não. Não acredito que seria diferente. Depois que a gente vira mendigo, não tem mais saída, nem noutra vida. É o fim, do fim.

De flor eu gosto. Quando é verão, eu fico na praça, sentindo o cheiro das flores. As vezes eu ouço a orquestra tocar na praça. É uma música muito diferente. Eu escutei uma dona dizer “é um clássico”, eu sei lá o que é isso? Parece coisa de anjo. Se eu fecho os olhos é como se eu sentisse asas ao redor de mim. No verão passado, eu fiquei na praça e um dia a orquestra tocou. A noite começou a cair e a lua tava grande no céu. Tinha muitos pombos e eles voavam sobre a minha cabeça. Eu comecei a rir de felicidade. As pessoas que tavam por perto se sentiram incomodadas e falaram “chit”. Eu parei de rir, mas meu coração ainda ria.

Ver o mar também eu gosto. Pensando bem eu gosto da vida. A vida é que não gosta de mim.

Tá na hora, é verdade? Mas é assim, tão simples? Você não tem uma poesia pra eu ler antes de ir? Eu tenho tempo de escutar a orquestra? Não? (*pausa*) Então tá. Eu vou, não é. Será que eu vou poder levar a boneca? Não? Eles não deixam? Então cuida dela pra mim, tá. (*Estende a boneca para o interlocutor invisível*) Não joga ela no lixo. Ela não tem um pezinho. Fica com o cobertor, inteiro. Eu não vou mais precisar dele. Enrola ela. Batiza ela, pra mim. Chama ela de Julieta.

Sabe, o calor está começando pelos pés... (*A luz vai baixando e a atriz vai se enrolando em posição fetal, fechar com a lua no céu azul escurecendo, som de pombos em revoada. Foco na boneca e na atriz escolher uma cantiga de ninar, ou uma ária de Tanhauser de Wagner*).

***Paris, Igreja de Saint Eustache, a orchestra na praça, os pombos em revoada e uma saudade apertada no peito. 20 de maio de 2000.***